

O artista como crítico: sobre Italo Calvino ensaísta

Prof.a Dr.a Adriana Iozzi Klein¹ (USP)

Resumo:

É certo que em seus escritos Italo Calvino sempre se colocou como escritor e como intelectual ao mesmo tempo - como a comprovar a idéia de Oscar Wilde de que em todo verdadeiro artista existe sempre o espírito crítico - e não é de se espantar que no curso da sua pesquisa formal tenha encontrado no gênero ensaístico um significativo ponto de chegada. O ensaio de Calvino, crítico e criativo, como se pretende demonstrar no presente trabalho, assume o papel de suporte para a reflexão artística e intelectual que o escritor faz de sua época. Diante da crise da narrativa literária, induzida em grande parte pelas exigências editoriais e pelos novos mecanismos que regem a indústria cultural, Calvino mostra-se, sobretudo em seus últimos livros, perfeitamente consciente de que o ensaio pode ser uma forma vital para a literatura contemporânea.

Palavras-chave: crítica literária, ensaio, Italo Calvino, literatura italiana

Não é somente a requintada maestria estilística o fator determinante do valor da obra de Italo Calvino, escritor paradigmático da literatura contemporânea, mas também sua incansável reflexão sobre a literatura e sobre seu papel no mundo.

Do *début* narrativo neorrealista no pós-guerra ao progressivo distanciamento dos módulos tradicionais do realismo e, depois, do fantástico, até chegar às fórmulas da literatura estrutural-combinatória e da metanarrativa da década de oitenta, Calvino procurou incessantemente novos modos de conceber a obra literária. Seria reduutivo, portanto, dizer que as mudanças nas suas formas narrativas seriam simplesmente sinal de uma diligente busca de virtuosismo estilístico. A metamorfose pela qual passa a produção literária de Calvino é, em grande parte, resultado da experimentação de novos invólucros para suas reflexões teóricas. Reflexões sempre voltadas para horizontes que vão além da criação literária e que mostram um escritor interessado em questionar as bases da nossa cultura e da nossa época.

A década de oitenta é o período em que Calvino organiza suas coletâneas de ensaios, dando curso à época mais lograda de sua carreira de teórico e crítico da literatura. Diferentemente das obras narrativas, os textos jornalísticos e os ensaios do autor recebem muito mais tarde a forma de livros autônomos. Somente em 1980, sob o título de *Una pietra sopra* (Assunto encerrado, Companhia das Letras, 2009), ele recolhe, a partir de uma rigorosa escolha, quarenta e dois ensaios escritos entre os anos de 1955 e 1978, alguns deles ainda inéditos até então.

A decisão de publicar, já no ápice da carreira, uma seleção de ensaios escritos ao longo de mais de duas décadas mostra a intenção do escritor, claramente explicitada na escolha do título e reafirmada na apresentação do livro, de “colocar uma pedra sobre” uma experiência política e literária que ele julga concluída e superada. O livro configura-se como um balanço documentado de uma crise do autor, mas pode ser lido no seu conjunto como uma “autobiografia intelectual”, como um “testemunho” do itinerário, nem sempre retilíneo, percorrido por Calvino no papel de intelectual e escritor. Por meio dos temas abordados e da ordem cronológica em que são apresentados os textos, é possível entrever a complexidade do caminho que o levou das teorizações dos anos cinquenta e sessenta, pautadas no engajamento do intelectual diante dos grandes problemas da sociedade contemporânea, àquelas dos anos setenta e oitenta, que delineavam uma poética ligada aos diversos “níveis da realidade” e à reflexão sobre a autoconsciência e a autoreferencialidade da

literatura.

Alguns ensaios são antecipações de escritos “programáticos” em relação à poética do escritor; outros são reflexões sobre a sociedade industrial ou sobre as vanguardas culturais europeias, ou então releituras de autores clássicos, como Stevenson, Conrad, Kipling, Hemingway. Eles são escritos em um período no qual as artes, de uma forma geral, passam por uma mudança radical, definida por Calvino como “silencioso cataclismo”. O escritor distancia-se progressivamente da militância política que marcou sua juventude e toma consciência de que, no mundo tecnológico, as possibilidades de crítica encontram espaços cada vez mais restritos.

Os primeiros textos críticos de Calvino tendiam a oferecer ao leitor uma visão de mundo complexa, na qual não se vê uma nítida separação entre o mundo da literatura e aquele da política. À crise da razão burguesa, o escritor contrapunha a força de um projeto fundado no marxismo e na luta de classes; em oposição à literatura da irracionalidade e do subjetivismo, ele propunha a pesquisa de linhas de uma nova poética e a redefinição do papel do intelectual.

A partir do final dos anos sessenta, no entanto, nota-se claramente em Calvino o declínio da aspiração a “interpretar e guiar” um processo histórico. Abre-se, então, uma nova perspectiva de reflexão crítica, mais estritamente ligada à literatura e às instituições literárias de uma forma geral. Observa-se, assim, uma radical conversão do escritor: da proposta de uma literatura que representa o atrito com a história, ele passa àquela de uma literatura que delega a descoberta do próprio sentido à leitura. Trata-se, no fundo, de uma análise das novas relações instauradas entre escritor e leitor e da busca de um questionamento sobre a literatura e sua função.

Em 1967 Calvino muda-se para Paris com o propósito de permanecer ali por um período de cinco anos, mas acaba vivendo na cidade até 1980. Inevitável, portanto, que entrasse em contato com tudo o que havia de mais inovador em termos culturais e intelectuais na época. Conhece Roland Barthes e o grupo de escritores franceses da revista *Tel Quel*, que desenvolvem a análise estrutural da narrativa e enfatizam a metalinguagem na literatura; entra em contato com a filosofia de Lacan e de Derrida; frequenta as aulas de Lévi-Strauss e interessa-se por narratologia e pelas ideias semiológicas de Greimas. De todo esse caldo cultural efervescente e de todas as tendências e grupos dominantes na França, Calvino sente-se, sem dúvida, mais próximo do grupo OuLiPo (Ouvroir de Littérature Potentielle), que propunha a elaboração de modelos de automatização da criação literária por meio de jogos matemático-combinatórios. A esse propósito, Calvino publica, em 1967, seu famoso ensaio “Cibernetica e fantasmi: appunti sulla narrativa come processo combinatorio”, no qual identifica a criação literária com a atividade linguístico combinatória, discorrendo sobre a possibilidade de substituição do escritor por uma máquina literária. A tese por ele defendida é a de que o pensamento, no mundo contemporâneo, não pode mais exprimir o conceito de continuidade e sim a ideia da combinação simultânea e contínua de impulsos.

Começa a delinear-se de forma cada vez mais evidente o interesse de Calvino pela multiplicidade irreduzível da realidade. Ele chega a uma concepção estética segundo a qual a literatura não é mais fechamento, estruturação e esquematização do real, mas uma espécie de analogia, que não é uma réplica, mas acentuação e aprofundamento da complexidade e da multiplicidade do mundo. Os temas que o atraem não são mais aqueles que colocam o homem e sua história como ponto central, e suas escolhas formais tendem a partir de então a seguir um modelo cosmológico cujo princípio é a oposição ordem-desordem, fundamental na ciência contemporânea.

Assim, de uma fé inicial, quase iluminista, na capacidade do escritor de entender o mundo por meio de modelos racionais e de realizar seus objetivos de renovação por meio da proposição de novas estruturas de organização, Calvino passa a uma concepção mais modesta da literatura e do papel do escritor. A literatura, para ele, não é mais concebida como um “desafio” ao mundo, mas como uma proposta relativamente frágil e precária. Em contraposição àquela pesquisa obstinada de uma ordem, de um sentido ou de uma verdade em um mundo complexo, no Calvino maduro predomina uma prática que se volta para as possibilidades infinitas ou múltiplas da literatura, num campo de ação que focaliza realidades fragmentárias e descontínuas.

Em 1984, surge *Collezione di sabbia* (Coleção de areia, Companhia das Letras, 2010),

segunda coletânea de textos não ficcionais composta de vinte e três ensaios e reportagens jornalísticas centradas em impressões de viagens feitas por Calvino a vários países do mundo. Trata-se de uma seleção feita com base no mesmo material do qual nasceu também seu último livro de ficção, *Palomar*, de 1983. *Palomar* e *Collezione di sabbia* são ligados, inclusive, por uma recíproca troca de temas: os objetos, as coleções, os monumentos de países distantes são vistos em ambos com a típica atitude reflexiva do personagem Palomar, que observa as coisas com a atenção sempre voltada para o fragmento, para o detalhe minúsculo, o que permite ao escritor expressar-se por meio de uma escrita rica de imagens e associações metafóricas.

O aspecto que mais chama a atenção na referida coletânea é a radical diferença em relação ao primeiro volume de ensaios, mostrando como produção crítica de Calvino, e não só aquela narrativa, apresenta-se sob o signo de uma clara diversidade formal. Nos textos de *Collezione di sabbia*, a diversidade é o tema central e a realidade tende a apresentar-se como alteridade: as coleções, os museus, as exposições, as escavações arqueológicas, os monumentos, os países distantes são descritos como mundos singulares e imprevisíveis. Quanto mais livre e ampla é a exploração desses mundos – objetos e plantas, ritos e linguagens – mais misterioso parece seu significado.

Este é o livro mais “arqueológico” de Calvino. Nele, a história só pode ser entrevista por meio de fragmentos, de objetos dispersos e desordenados, observados isoladamente pelo olhar atento do escritor, que passeia sem rumo definido pela história da humanidade, evocada nos detalhes dos templos Maia de Palenque, nas multidões agitadas da revolução de Khomeini, na quietude dos palácios imperiais japoneses. O objetivo da coletânea é registrar uma série de experiências visuais e o seu mote principal, em essência, é a indagação das coincidências que existem entre o mundo escrito e o mundo real; mas o mundo, no entanto, é aqui descrito e representado por meio de uma multiplicidade instável de objetos, que só podem ser conhecidos de forma parcial e hipotética.

Em junho de 1984, Calvino é convidado a proferir na Universidade de Harvard um ciclo de conferências sobre literatura, nunca apresentadas devido à morte inesperada do autor, que serão porém publicadas em 1988, com o título de *Lezioni americane (Seis propostas para o próximo milênio)*, Companhia das Letras, 1990). Trata-se da reunião de cinco das seis “aulas” (como Calvino as definia) previstas, cujos temas - Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade e Multiplicidade – delineiam uma poética do autor e revelam seu vasto repertório de leituras, retomando e sintetizando, no plano teórico, a maior parte de suas preocupações e interesses como escritor, ensaísta e intelectual.

Com a “trilogia” ensaística, Calvino parece defender a capacidade de invenção do discurso crítico, sua especificidade em relação à criação poética e a fecundidade que reside na mútua aprendizagem entre teoria e prática literária.

É interessante observar, no entanto, que foi somente após a publicação dos *Saggi* (Mondadori, 1995), reunião em dois grandes volumes dos ensaios produzidos entre 1945 e 1985, que os estudiosos da obra de Calvino puderam ter uma exata noção de sua extensa e intensa reflexão sobre temas relacionados ao universo da literatura, das outras artes e das várias ciências, desvendando a figura de um intelectual profundamente envolvido com a sociedade e a cultura de nossa época.

Se pensarmos que Italo Calvino – como narrador, editor e crítico literário – encontra sua forma de expressão madura no gênero ensaístico, veremos que ele ocupa lugar de honra no rol dos representantes daquela que Alfonso Berardinelli – uma das vozes mais expressivas nos estudos sobre o ensaio na Itália – define como a “melhor prosa italiana das últimas décadas”, e que, segundo ele, produziu muito frequentemente ensaios (BERARDINELLI, 1996, p.65).

Analisando a prosa italiana na sua história, nas suas várias manifestações, veremos que ela mantém certa independência em relação ao cânone narrativo que, comparado a outras literaturas, possui tradição menos forte no romance. Trata-se, como já observara o próprio Calvino, de uma prosa em que o romance e a narrativa nunca foram dominantes, ou em suas palavras, de:

[...] uma literatura na qual, em seu conjunto, além do uso do verso e da prosa, prevalece uma atitude cognitiva, descritiva, enciclopédica e visionária, pictórica e discursiva, em que ciência e sonho aliam-se no interior da sólida arquitetura racional e da vitalidade perceptiva realista de muitos de nossos escritores (CALVINO, 1995)¹.

Em um artigo dedicado à discussão sobre o romance, publicado no final da década cinquenta na revista *Ulisse*, Italo Calvino declarava abertamente:

Eu desejo um tempo de bons livros cheios de inteligência nova como as novas energias e as novas máquinas de produção, e que influenciem a renovação de que o mundo precisa. Mas não acho que se trate de romances; penso que certos gêneros ágeis da literatura do séc. XVIII – o ensaio, a viagem, a utopia, o conto filosófico ou satírico, o diálogo, o opúsculo moral – devam assumir um lugar de protagonistas da literatura. (CALVINO, 1995, p.1514)².

Percorrendo as páginas dos últimos volumes do escritor, notamos que o ensaio para ele não é necessariamente reflexão teórica; é também autobiografia, diário, comentário de outros livros, descrição e relato de viagens, narrativa não ficcional, reportagem, formas que também podem incluir-se em determinadas definições de ensaio.

O ensaio é um gênero literário extremamente heterogêneo e tal característica se deve fundamentalmente ao comportamento inconstante do ensaísta, “visionário do pensamento e dialético da metáfora”, que faz do ensaio “o gênero da mistura e da contaminação”, para usar as palavras do crítico Alfonso Berardinelli. Se analisarmos os dois primeiros volumes de ensaios de Calvino, com textos selecionados pelo próprio autor, o que por si só pressupõe uma intencionalidade na organização, notamos como é diversificado seu conjunto de escritos. Não se trata apenas de uma variação de conteúdo, inevitável na escrita ensaística, mas de uma grande diversificação no plano da forma e da estrutura argumentativa dos textos, que mostra como o escritor percebe plenamente a vocação de abertura e de inventividade lingüística do ensaio.

Estes escritos de Calvino tendem a “somar, mesclar, sobrepor o discurso crítico, analítico e aquele narrativo, segundo uma consciência do caráter constitucionalmente auto-reflexivo que vai aos poucos se tornando mais lúcida, convicta, geometricamente assertiva”, e é esta constância estilística que induz à reflexão sobre a forma do ensaio calviniano (PATRIZI, 1996, p.160). No que se refere à técnica compositiva, nos anos cinquenta e sessenta, a estrutura argumentativa dos “ensaios-manifestos” de Calvino é construída com base nos processos de análise da realidade por meio de categorias opostas, que no final da reflexão apresentam-se mediadas dialeticamente. A característica dos ensaios, pelo menos até o final da década de sessenta, é a cristalização de processos descritivos e argumentativos em uma imagem ilustrada pelo título, colocado como enunciação de uma tese a ser demonstrada. Mas esse modelo dialético, juntamente com a idéia tradicional de “engajamento militante”, é substituído gradativamente pelo modelo estruturalista da decomposição e combinação como forma e princípio organizativo do conhecimento.

Nos anos setenta, a estrutura do ensaio, que respeita uma espécie de geometria de relações entre categorias conceituais e dados da experiência, aparece cada vez mais complexa. As soluções estilísticas tendem, então, a exigir uma construção que conjuga análise, evocação, reflexão e

1 [... una letteratura, nel suo insieme, nella quale al di là dell'uso del verso e della prosa, prevale un'attitudine conoscitiva, descrittiva, enciclopedica e visionaria, pittorica e trattatistica in cui scienza e sogno si alleano dentro la salda architettura razionale e la realistica vitalità percettiva di molti dei nostri scrittori.]. Trad. nossa.

2 Publicado pela primeira vez na revista “*Ulisse*”, X, vol. IV, 24-25, 1956-57, pp. 948-50. [Io auspico un tempo di bei libri pieni d'intelligenza nuova come le nuove energie e nuove macchine della produzione, e che influiscano sul rinnovamento che il mondo deve avere. Ma non penso che saranno romanzi; penso che certi agili generi della letteratura settecentesca – il saggio, il viaggio, l'utopia, il racconto filosofico o satirico, il dialogo, l'operetta morale – devono riprendere un posto di protagonisti della letteratura, della intelligenza storica e della battaglia sociale]. Trad. nossa.

interpretação do problema apresentado (PATRIZI, 1996, p.161). Exemplo desse tipo de construção ensaística é o último texto da coletânea *Una pietra sopra* (“I livelli di realtà in letteratura”, 1978), que apresenta uma estrutura peculiar, muito diferente dos ensaios anteriores. Aqui, Calvino tenta definir as relações entre literatura e realidade, demonstrando, no fundo, a complexidade das precárias “coleções de areia” que irá propor no próximo volume de ensaios.

A lógica da construção racional e a preferência pelo fragmento, a partir do qual seria possível reconstruir um sistema mais complexo, afirmam-se progressivamente em todos os escritos de Calvino a partir dos anos sessenta. Também o gosto pela imaginação vista como alavanca dos procedimentos lógicos e a dialética entre imaginação e realidade, ficção e ciência, surgem constantemente na produção do escritor. Resultado disso é que, em *Collezione di sabbia*, Calvino muda a abordagem em relação ao objeto que deve ser interpretado e analisado, não se observando mais a necessidade de reconstruir o sistema no qual ele está inserido (e dentro do qual ele adquire sentido), como se via muitas vezes em *Una pietra sopra*. O olhar do ensaísta agora recolhe apenas os “traços” deste sistema e apresenta reflexões que não possuem a intenção de “organizar”, mostrando que a composição do real se revela no fragmento.

Apesar da diversidade dos temas e formas trabalhados por Calvino nos textos não ficcionais, o que salta aos olhos é sempre a elegância e a qualidade literária da sua prosa. É importante ressaltar o fato de que, na Itália, a ensaística, de De Sanctis a Gramsci, produziu verdadeiras obras primas da prosa nesse país. Ainda no âmbito italiano, lembramos que a postura iluminista e a compostura clássica, características típicas do ensaio, são traços herdados também de Leopardi prosador, referência essencial para o ensaísmo de Calvino, que procura equilibrar rigor formal e sentimento lírico, ligando à complexa trama racional e prosaica do ensaio traços humorísticos, criatividade e poesia.

O ensaio, como sabemos, é fruto maduro principalmente das épocas de crise e de hibridismo dos gêneros literários e pode ser, de fato, considerado um gênero literário fundamental capaz de oferecer a descrição dos contextos históricos e sociais dos quais se alimentam os gêneros literários considerados maiores.

Mesmo na época atual, em que se nota um movimento de recuperação de certa “pureza” da forma nos gêneros tradicionais³ e em que os gêneros indefinidos ou intermediários, como o romance-ensaio, o poema em prosa ou a prosa poética e a escritura visual, parecem estar em crise, o ensaio parece gozar de uma durável vitalidade, tendo passado incólume através das mudanças ocorridas ao longo do século XX, que abalaram as estruturas dos outros gêneros.

As fórmulas estilísticas empregadas nos ensaios de Calvino e em algumas narrativas são muito semelhantes, o que indica uma circularidade entre produção teórica e ficcional, que pode ser interpretada como consciência do caráter auto-reflexivo do texto literário. Esta consciência torna-se, com o passar do tempo, mais lúcida e convicta em Calvino e, por meio dela, o escritor se propõe a reavaliar a grande tradição ensaística italiana, seja como modelo formal, seja como proposta de uma ética cognitiva.

No caso de Italo Calvino, o artista e o crítico sempre caminharam juntos e não é de se espantar que no curso da sua pesquisa formal o escritor tenha encontrado no ensaio um significativo ponto de chegada. O ensaio de Calvino, crítico e criativo, assume o papel de suporte para a reflexão artística e intelectual de nossa época. Assim, diante da crise da literatura, agravada por uma mudança sem precedentes induzida em grande parte pelas exigências editoriais e pelos novos mecanismos da indústria cultural, Calvino mostra-se, sobretudo em seus últimos livros, perfeitamente consciente de que o ensaio pode ser uma forma vital para a sobrevivência da literatura neste nosso milênio.

³ Grosso modo, observa-se na produção artística da atualidade a volta de romances que tendem a contar histórias; na pintura há um retorno ao figurativo, enquanto na música são recuperadas a melodia e a tonalidade. A poesia aparece como um gênero mais marginal, mas apresenta uma linguagem menos hermética e uma tendência a optar por formas mais fechadas e tradicionais e a abandonar o verso livre.

Referências Bibliográficas

- BERARDINELLI, A. La saggistica italiana dopo il 1945. *Quaderni della Cattedra Italo Calvino*, n.1, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1996.
- _____. *La forma del saggio: definizione e attualità di un genere letterario*. Venezia, Marsilio, 2002.
- CALVINO, I. _____. *Una pietra sopra: discorsi di letteratura e società*. Torino: Einaudi, 1980 (*Assunto encerrado*. Trad. R. Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2009).
- _____. *Palomar*. Torino: Einaudi, 1983 (*Palomar*. Trad. I. Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994).
- _____. *Collezione di sabbia*. Milano: Garzanti, 1984 (*Coleção de areia*. Trad. M.S. Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010).
- _____. *Lezioni americane: sei proposte per il prossimo millennio*. Milano: Garzanti, 1988 (*Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. I. Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990).
- _____. *Saggi: 1945-1985*. Milano: Mondadori, 1995, vol. 1 e 2.
- PATRIZI, G. Il modello della via latteia: la metaletteratura di Calvino. In: _____. *Prose contro il romanzo: antiromanzi e metanarrativa nel novecento italiano*. Napoli: Liguori Editori, 1996.

i **Adriana IOZZI KLEIN, Profa. Dra.**

Universidade de São Paulo (USP)

Departamento de Letras Modernas- FFLCH

E-mail: adriozzi@usp.br